



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8082 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

MULHERES TRANS NO SISTEMA PRISIONAL DO RIO DE JANEIRO: AS RELAÇÕES ENTRE SUAS HISTÓRIAS E SUAS TRAJETÓRIAS DE VIDA ESCOLAR
 Penélope Cavalcante Santana - FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE NITERÓI

**MULHERES TRANS NO SISTEMA PRISIONAL DO RIO DE JANEIRO: AS
 RELAÇÕES ENTRE SUAS HISTÓRIAS E SUAS TRAJETÓRIAS DE VIDA
 ESCOLAR**

Este trabalho teve por propósito investigar como as mulheres trans que se encontram sob custódia em um espaço de privação de liberdade compreendem seu percurso educacional. Para tal, realizei entrevistas semiestruturadas com detentas que se encontravam cumprindo pena em um presídio do estado do Rio de Janeiro, discuto e apresento a relação que se estabelece entre a trajetória educacional e a tessitura das identidades de gênero dessas mulheres. Ressalto ainda as especificidades de ser mulher trans dentro do sistema prisional, destacando como elas desenvolvem táticas de resistência dentro desse espaço.

Desde o início da pesquisa, existiam pistas de que a trajetória educacional delas se aproximava em meio à solidão da pena privativa de liberdade, já que diariamente pessoas trans são excluídas dos espaços formais de educação por conta da transfobia, dos valores religiosos presentes em muitas instituições de ensino e da incapacidade que muitas pessoas apresentam em lidar com as diferenças. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que utiliza como metodologia a pesquisa nos/dos/com os cotidianos e adota técnicas da narrativa, considerando as falas obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas, além da observação sistemática, com registros em caderno de campo, a partir da noção de paradigma indiciário de Carlo Ginzburg.

Através das pistas, indícios e sinais observados nas visitas, durante as conversas com as detentas e em seus depoimentos foi possível compreender como as experiências educacionais dentro e fora do sistema interferiram em suas tessituras identitárias, o que nos ajuda a compreender como o sofrimento e a exclusão causados pela transfobia no ambiente escolar têm reflexos muitas vezes irreversíveis na vida das pessoas trans. Já a partir das entrevistas, foi possível perceber que, muitas vezes, existe a consciência da importância do estudo, mas a violência, o ódio e a intolerância encontrados no percurso acabam causando uma ruptura no processo. Grande parte das detentas, que revelou não ter terminado os estudos antes do encarceramento, citou a transfobia como motivação para o abandono escolar, o que reafirma a importância de políticas voltadas para a proteção das estudantes trans.

As detentas que não concluíram os estudos por outros motivos revelaram questões sociais que colaboraram para a situação de ruptura na trajetória escolar. Em todo caso, as histórias revelam conjunturas nas quais essas mulheres se viram desamparadas por suas

famílias, pela escola, pela saúde, pelo Estado ou por todos ao mesmo tempo. Os depoimentos deixaram pistas de que, para a maioria dessas mulheres, a cadeia era sinônimo de coletividade e amparo por parte dxs outrxs detentxs.

Uma vez que esse é o panorama apresentado pelxs detentxs trans em relação às suas trajetórias educacionais anteriores ao encarceramento, as análises elaboradas ao longo deste trabalho evidenciam que as políticas educacionais propostas dentro do sistema prisional não podem, de forma alguma, ser pensadas como uma reprodução da educação que está sendo oferecida a essas pessoas quando em liberdade. Faz-se necessário, portanto, um investimento por parte do poder público em ações que reestruturem as escolas do sistema prisional (já que muitas não têm seus quadros de profissionais completos) e incentivem xs detentxs a frequentarem esses espaços, garantindo as devidas certificações de conclusão ao final de cada etapa de escolaridade.

Além disso, é preciso avançar na discussão acerca da situação das mulheres trans após a saída do sistema prisional nas condições atuais. Este segmento está voltando para as ruas com os estigmas de egressa e trans – e, de acordo com os dados desta pesquisa, de raça, classe social e baixa escolaridade. Qual foi a função de socialização cumprida pelo sistema prisional nesse caso? Quais são as chances de (re)inserção dessa mulher na sociedade? O sistema prisional está cumprindo apenas duas funções, muito específicas, em relação a essas mulheres: punição e controle dos corpos. A grande questão é que, de acordo com a legislação, essas não são suas funções.

Desde o início desta pesquisa, havia pistas de que muitas escolas adotavam práticas excludentes e de que coletaríamos relatos transfóbicos. Também identificamos indícios de que o sistema prisional falhava na garantia do direito à educação. Espero que, por fim, este trabalho auxilie para que xs educadorxs que estamos formando tenham como compromisso oferecer um ambiente acolhedor, humanizado e respeitoso para todxs xs alunxs, independente de raça, classe social, gênero ou orientação sexual. Para que nenhumx alunx se sinta excluídx, para que a rua não seja mais segura que a escola, para que o tratamento na cadeia não seja melhor que o da escola.

Palavras-chave: Mulheres Trans. Sistema Prisional. Trajetória Educacional. Tessituras Identitárias.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2011.

_____. Brasil: o país do transfeminicídio. In: Revista Fórum, 2014. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/noticias/brasil-o-pais-transfeminicidio/>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Feminismos Contemporâneos e Interseccionalidade 2.0: uma Contextualização a partir do Pensamento Transfeminista. In: Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v.1, p.5-24, 2018.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. A educação em espaços de restrição e privação de liberdade no Brasil: Perspectivas e concepções. In: Revista Pedagógica, Chapecó, v.16, n.32, p. 191-206, jan./jul. 2014.

SEPULVEDA, Denize. Emancipação social e exclusão no cotidiano escolar: A homofobia e sua influência nas tessituras identitárias. 2012.Tese (Doutorado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SEPULVEDA, José Antônio; SEPULVEDA, Denize. Conservadorismo e educação escolar: um exemplo de exclusão. In: Movimento-revista de educação, v.5, p.282-314, 2016.

_____. Menina que se comporta como menino, menino que se comporta como menina: o que podemos aprender com essas crianças que teimam em ser dissidentes? In: RODRIGUES, Alexsandro. Crianças em dissidências: narrativas desobedientes da infância. Salvador: Devires, 2018.

_____. Conservadorismo e seus impactos no currículo escolar. In: Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 3, p. 868-892, set./dez. 2019.